

# V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

## ENTRE MUNDOS E MIUDEZAS

Fabulações caipiras e mundos em disputa em Chico Bento e a Goiabeira Maraviósa

Palavras-chave: Dispositivos Poéticos, Narrativas Contra-hegemônicas, Chico Bento e a Goiabeira Maraviósa, Cinema infantil.

**Ana Luíza Costa Ribeiro;** mestranda no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas (PPGAU-UFAL); Maceió, Alagoas (BR);  
[ana.ribeiro@fau.ufal.br](mailto:ana.ribeiro@fau.ufal.br).

**Walter Mathias Lima;** Graduação em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, Mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE e Doutorado em Educação (Filosofia-Educação) pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. Fez Estágio Pós-Doutoral na Université Rennes II: Centre de Recherche Sur L'éducation, les Apprentissages et at Didactique (CREAD). Professor Titular da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, no Centro de Educação, no Programa de Pós Graduação em Educação - PPGE/UFAL e Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo - PPGAU/UFAL.

### 1. Na Sombra da Goiabeira: apresentação de um Mundo em Disputa em Chico Bento

Este trabalho analisa o longa-metragem Chico Bento e a Goiabeira Maraviósa (2025), de Fernando Fraiha, a partir da direção de arte como prática de mediação ecológica e política.

O filme em questão emerge como uma potente ferramenta de ressignificação cultural, ao dialogar com o imaginário caipira brasileiro e suas raízes profundas na tradição dos quadrinhos de Chico Bento. Por meio de uma abordagem poética que entrelaça memória, afeto, espaço e ancestralidade, a obra constrói uma narrativa que desafia os paradigmas hegemônicos sobre progresso, natureza e pertencimento. Ao tensionar essas visões dominantes, o filme não apenas celebra a riqueza simbólica da cultura caipira, mas também se posiciona como uma expressão contra-hegemônica, reivindicando novos olhares sobre o território e suas histórias. A obra transcende o

entretenimento, tornando-se um campo de disputa estética e epistemológica, onde saberes diversos florescem e resistem.

Existe uma potência silenciosa no gesto de proteger uma árvore. No longa-metragem da MSP<sup>1</sup>, o que parece ser uma aventura infantil rural se revela uma fábula sobre ecologia, pertencimento e modos de existência em tensão com os projetos desenvolvimentistas. A narrativa acompanha Chico e sua turma na Vila Abobrinha, confrontados com a ameaça de destruição de uma antiga goiabeira, árvore mítica e simbólica, gemelar ao protagonista, para a construção de uma estrada nas terras do Nhô Lau. O enredo, baseado nos quadrinhos de Maurício de Sousa, ganha novas camadas no formato cinematográfico roteirizado por Elena Altheman e Raul Chequer.

O filme mobiliza afetos enraizados no imaginário do “caipira brasileiro”, ao mesmo tempo em que o reinscreve em novas sensibilidades visuais. A análise propõe-se a tratar a direção de arte do longa como vetor narrativo, observando de que forma suas escolhas visuais — texturas, cores, paletas cromáticas, arquitetura dos espaços, construção de cenário, figurino e objetos — instauram um regime sensível de resistência e encantamento, ao mesmo tempo em que produzem um espaço cinematográfico comprometido com uma ecologia decolonial (Ferdinand, 2021) e uma poética da relação (Glissant, 2011). O filme se apresenta, nesse sentido, como uma plataforma de imaginação política e estética, contribuindo para expandir os repertórios da arte-ativismo e do design social em contextos rurais e populares.

## **2. Fabular o caipira: poéticas da terra, da imagem e da relação**

Conforme o universo das histórias em quadrinhos de Maurício de Sousa, Chico Bento representa, desde a década de 1980, a figura do “caipira” brasileiro, personagem cuja existência é marcada pelo viver próximo à natureza, pela oralidade e pela sabedoria popular, mas também por um certo exotismo jocoso e periférico. No entanto, no longa-metragem animado Chico Bento e a Goiabeira Maraviósa, há uma inflexão perceptível que reposiciona o personagem e seu entorno não apenas como “típico” ou folclórico, mas como

---

<sup>1</sup> Maurício de Sousa Produções.



# V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

campo simbólico de disputa ontológica. Ao mesmo tempo em que o filme conserva o humor e a ternura próprios do personagem, ele articula temas como monocultura, desmatamento, crise climática e espiritualidade ancestral, convocando o espectador a mergulhar num território narrativo onde a miudeza e o encantamento se tornam formas de insurgência frente à lógica desenvolvimentista.

A direção de arte, nesse cenário, opera como prática de *worldbuilding* e de insurgência simbólica. Apesar de partir da representação da roça de forma estereotipada, o filme constrói um mundo minucioso, onde cada detalhe visual integra uma poética da terra e da memória. As cores terrosas, verdes e laranjas, o céu ampliado e a relação com animais, árvores e plantações criam uma estética que reinventa o campo como território afetivo e espiritual. A goiabeira, elemento central da narrativa, funciona como dispositivo cosmopolítico (Stengers, 2014): é a árvore que articula conflitos ecológicos, memórias intergeracionais, saberes não hegemônicos e forças da natureza invisibilizadas pelo discurso da racionalidade capitalista.

# V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025



**Imagem 1** – Cena do filme mostrando Taís Araújo como Dona Goiabeira.<sup>2</sup>  
Fonte: Fábio Braga/Divulgação (2025).

A fabulação caipira que permeia a obra evoca aquilo que bell hooks chama de cinema vivido (hooks, 1996): uma forma de produção de imagens que se compromete com o sensível, com a coletividade e com a afirmação de existências dissidentes do centro. Trata-se de um cinema que não apenas fala sobre personagens do campo, mas que se

---

<sup>2</sup> **Para todos verem:** A imagem mostra a atriz Taís Araújo, mulher negra de cabelos longos, volumosos e crespos, sorri amplamente em pé sobre um chão escuro, contrastando com o fundo também escuro e indefinido. Ela veste um figurino simbólico: uma blusa verde de crochê que lembra folhas ou galhos e uma calça larga rosa com estampa de uma árvore com frutos amarelos, formando a imagem de uma goiabeira que parece brotar do seu próprio corpo. A iluminação destaca seu rosto e o traje, transmitindo uma aura mágica, forte e acolhedora.

alinha às suas cosmovisões, instaurando novas possibilidades de representação e resistência.

Nesse sentido, o filme também se inscreve no que Márcia Tiburi (2018) denomina como “design de mundo”: uma disputa política sobre os modos como imaginamos e projetamos o futuro. O design de mundo hegemônico, segundo a autora, é pautado por uma racionalidade técnica, antropocêntrica e colonial. Já as experiências que propõem rupturas estéticas e éticas com esse modelo, como o longa de Chico Bento, operam dentro de um campo de tensionamento entre mundos: um em que a vida é medida em termos de produtividade e eficiência, e outro onde a vida é compreendida como relação, tempo dilatado, cuidado e encantamento. A animação, nesse ponto, é significativa por seu modo de construção artesanal e imagética, onde a subjetividade do traço e da cor tornam-se elementos de resistência e poética do espaço (Bachelard, 1998).

Do ponto de vista metodológico, a análise parte da articulação entre os estudos fílmicos, os estudos do design e da estética política, tendo como eixo a direção de arte e seus elementos materiais e simbólicos. A abordagem privilegia a observação minuciosa das escolhas visuais do longa-metragem Chico Bento e a Goiabeira Maraviósa (2025), lançado nos cinemas em Janeiro de 2025 e atualmente disponível na plataforma Amazon Prime. O corpus, portanto, é constituído pelo filme em sua totalidade, o que possibilita uma investigação mais precisa de seus elementos visuais — texturas, paletas cromáticas, cenários, figurinos e objetos — e de como estes instauram um regime sensível de resistência e encantamento. A metodologia é qualitativa e interpretativa, fundamentada na análise discursiva e na hermenêutica visual, em diálogo com os conceitos de Glissant, Tiburi, Stengers, bell hooks, Bachelard e Ferdinand.

### **2.1. Dos miúdos aos mundos: notas de um cinema em travessia**

A goiabeira não é apenas uma árvore: é um ponto de convergência de relações. A ela se conectam as crianças, os moradores da vila, os animais, os saberes, portanto: a goiabeira é mais do que natureza; é cultura, é convivência, é um símbolo de pertencimento e harmonia entre o humano e o ambiente ao redor.

A dramaturgia organiza-se como travessia — da ameaça ao reencantamento, do conflito ao cuidado coletivo. Nesse trajeto, o protagonismo infantil ganha contornos políticos. Chico Bento é miúdo, mas mobiliza um mundo. É pela escuta das crianças que a vila se movimenta. É pela fabulação que se planta resistência.

As análises iniciais apontam que o filme aciona estratégias visuais que fundem elementos da literatura de cordel, da pintura naïf e da animação contemporânea, em um esforço estético que não abandona o popular, mas o reinventa. O humor se alterna com a ternura. O tempo do filme desacelera. O som da natureza cria uma atmosfera sensorial que propõe outro modo de ver e ouvir. Os resultados parciais deste estudo indicam que há, em Chico Bento e a Goiabeira Maraviósa, uma tentativa genuína de reconfigurar o rural enquanto espaço de inteligência coletiva, fabulação política e resistência ecológica — em diálogo com saberes não hegemônicos, como o da agroecologia, do comunitarismo e da ancestralidade oral.

## **2.2. Raízes, rios e reencantos: trilhas bibliográficas**

Este trabalho analisa as fabulações caipiras e os mundos em disputa presentes nas narrativas de "Chico Bento e a Goiabeira Maraviósa", estabelecendo um diálogo interdisciplinar com autores que abordam questões relacionadas à representação cultural, territorialidade e visualidade. Stuart Hall (2016) fornece uma base teórica para compreender os processos de representação cultural e suas implicações na construção de identidades, enquanto Edouard Glissant (2005) contribui com a ideia de poéticas da relação, essencial para explorar a complexidade dos encontros e interações culturais. Laura Erber (2019) e Esther Hamburger (2007) oferecem reflexões sobre a política das imagens contemporâneas, permitindo uma análise crítica da visualidade presente nas obras em questão. No que diz respeito à territorialidade, Michel de Certeau (1998) e Michel Foucault (2005) são fundamentais para entender como os usos do espaço e as práticas cotidianas podem ser interpretados como formas de resistência e expressão cultural.

Ao integrar estudos contemporâneos sobre cinema infantojuvenil, quadrinhos e ruralidades brasileiras, a pesquisa enriquece o campo das pedagogias culturais e das

mídias populares, evidenciando a potência política dessas narrativas. A escolha de um filme baseado em um personagem amplamente reconhecido, mas pouco explorado sob uma lente crítica, reforça o compromisso com a ampliação do debate sobre as imagens populares. Quando atravessadas por poéticas locais e fabulações rurais, essas narrativas não apenas reencantam o cotidiano, mas também revelam camadas profundas de resistência e transformação social, contribuindo para uma compreensão mais ampla das dinâmicas culturais e políticas que permeiam o imaginário coletivo.

### **3. Ao som da guitarra paraguaí: considerações finais**

Embora se trate de uma análise em processo, os primeiros apontamentos permitem compreender *Chico Bento e a Goiabeira Maraviósa* como uma obra que opera por meio de dispositivos poéticos que reencantam o mundo, atualizando modos de vida ameaçados pelas lógicas extrativistas e pelo projeto moderno de progresso. A direção de arte assume, nesse contexto, um papel central como mediadora sensível entre mundos em disputa, propondo uma estética comprometida com a justiça ambiental e com os saberes contra-hegemônicos.

A potência do filme está justamente na articulação entre miudeza e grandeza, entre o cotidiano rural e os grandes dilemas ecológicos contemporâneos, entre a infância e a ancestralidade, entre a árvore e o planeta. O filme não tenta responder com soluções totalizantes, mas oferece fabulações que permitem imaginar outros futuros possíveis, mais lentos, mais enraizados, mais relacionais. É nesse sentido que se insere a poética da relação de Glissant: a obra não opera por identidades fixas, mas por um movimento rizomático de pertencimento múltiplo, onde o caipira, o mato, a árvore e o encantado não estão separados, mas interligados numa rede de afetos e resistências.

Por fim, o filme reafirma a potência política da infância e da fabulação como formas de reimaginar o mundo. A partir do olhar de Chico Bento, somos convidados a reconfigurar o que entendemos por natureza, por futuro e por justiça. É possível, portanto, pensar *Chico Bento e a Goiabeira Maraviósa* como uma narrativa agrocsmopolítica, onde a arte, o design e a animação se tornam práticas de mediação e transformação. Assim, o

# V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

filme inspira reflexão sobre o potencial político da infância e da imaginação para criar novos horizontes.

## REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FANON, Frantz. **Os Condenados da terra**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

FERDINAND, Malcom. **Por uma ecologia decolonial**: pensar a ecologia a partir do mundo caribenho. São Paulo: Bazar do Tempo, 2021.

GLISSANT, Édouard. **Poética da relação**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2011.

GONZALES, Lélia. **Por um feminismo Afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKS, bell. **Reel to Real: Race, Sex and Class at the Movies**. New York: Routledge, 1996.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y modernidade/razionalidade. *In* BONILLA, Hercílio (org.). **Los conquistados. 1942 y la población indígena de las Américas**. Quito: Tercer Mundo-Libri Mundi editores, 1992.

STENGERS, Isabelle. **No tempo das catástrofes: resistir à barbárie que se aproxima**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

TIBURI, Marcia. **Mundo em disputa: design de mundo e distopia**. São Paulo: Fósforo, 2018.

## FILMOGRAFIA

ENRICO, Juliano (dir.). **Chico Bento e a Goiabeira Maraviósa**. Brasil: Mauricio de Sousa Produções, 2024. (Filme)